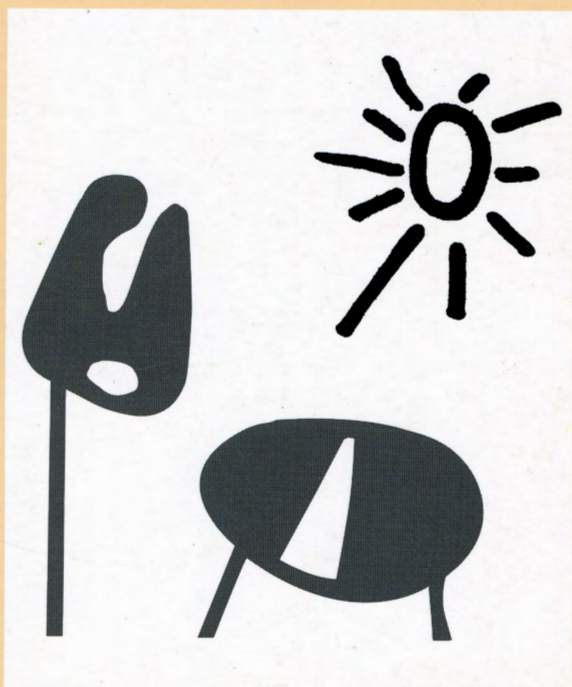


# JAIME SALAZAR SAMPAIO TEATRO COMPLETO

Introdução de SEBASTIANA FADDA

I



ULFL 011 000 75



# JAIME SALAZAR SAMPAIO

# TEATRO COMPLETO

Introdução de SEBASTIANA FADDA

I

*— É memória de duas mulheres admiráveis que me  
respeitaram a infância e aturaram a adolescência:  
Ema (a minha Mãe) e Elisa Salazar de Sousa.*

*— por a Carlos Paredão que há quase trinta  
anos vive por este teatro, do texto ao palco,  
diariamente.*

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

TEATRO COMPLETO

DE

JAIME SALAZAR SAMPAIO



## UMA FARSA SOBRE A HIPOCRISIA, O MEDO E O OPORTUNISMO

### NESTA HORA GRAVE

Esta é uma das peças em um ato de Rui Brando, dramaturgo que faz parte da minha pequena galeria de artistas. A hipótese surgiu quando me parecia ter no elenco do Teatro Independente de Loures – TIL, os intérpretes adequados para levar à cena *O Doido e a Morte*.

O que pretendíamos, no entanto, era um programa conjunto de duas peças, para o que trata também já na memória um original de Salazar Sampão, publicado (perdiu há alguns anos, mas separada da revista da SPA) intitulava-se *Nesta Hora Grave*.

Estabeleceu-se, depois, aprofundava pontos de contacto entre as duas peças e respectivos personagens, de modo a construir um espectáculo fundado num tipo de humor e crítica social semelhantes, sarcásticos e corrosivos, mas sorridentes, que tantas vezes povoam o Teatro do Absurdo. Assim, as acções decorriam em épocas diferentes, respectivamente passado e futuro, num mesmo lugar físico. Apenas durante o intervalo que, na boa verdade, não existe – os actores, de roupa vestida, alteravam a posição das rédeas e adereços, como se tudo o que se utilizava em *O Doido e a Morte* fosse reflectido num espelho para *Nesta Hora Grave*.

Crema-se ter conseguido uma combinação, porventura de diferenças, entre duas actores, de gestões diferentes – mas igualmente ativas ao seu tempo, o Tempo de todos nós.

Curiosidade, à luz de não de rodapé este espectáculo, a que demos o título de «Duas farsas sobre a hipocrisia, o medo e o oportunismo», foi estrado no mesmo dia em que o Teatro de Póvoa de Varzim encenava também *O Meu Amado*. Essa peça do mesmo Dramaturgo estrada no mesmo dia, deve ser facto inédito – ou, pelo menos, avulgar – no nosso Teatro.

Luís Pires Furtado  
(1996/1997)

## NESTA HORA GRAVE

### PERSONAGENS

RAIMUNDO, meia-idade

ISABEL, meia-idade

ETELVINA, jovem criada

JOAQUIM, meia-idade

DULCE, meia-idade

1.º EMPREGADO

2.º EMPREGADO

Salão de mau gosto. Móveis de preço, mal combinados. Espelhos, muitos espelhos. Dourados em abundância. Cores berrantes. À esquerda do telefone, numa mesinha rococó. Relógio de parede, ao fundo, equipado com barulhento e pretensioso carrilhão.

Em cena, um casal de meia-idade, profundamente de acordo com o estilo do salão: Doutor Raimundo Seabra e D. Isabel Maria, sua legítima e corpulenta esposa.

Raimundo prepara um discurso; Isabel faz crochet. Quando a acção recomeça, Raimundo escreve.

RAIMUNDO (após uma pausa, lendo o que escreveu, tom inseguro mas com pretensões oratórias) — Nesta hora grave... esta hora solene... crucial... fervente... histórica... titânica!...

ISABEL (muito calma, levantando os olhos do crochet) — Que horas são, filho?

RAIMUNDO (escrevendo, riscando, voltando a escrever) — ... Hora titânica... histórica... fervente... Nesta hora... Nesta hora grave!

(O relógio, ao fundo, bate cinco badaladas; solenemente, pretensiosamente.)



ISABEL (*pousando o crochet*) — Cinco horas... (*Levanta-se.*) A hora do chá.

RAIMUNDO (*levanta-se, agitado*) — Por favor, Isabel, deixe-me trabalhar!... (*Agarra nas folhas de papel, agitando-as, de braço erguido; vai subindo de tom até ao grito final.*) Este discurso tem de estar pronto antes das oito!... (*Gritando.*) Percebeu?!... (*Num gesto exagerado deixa cair algumas das folhas que se espalham pelo chão. Apanha-as de cócoras, com certa dificuldade, resmungando.*)

ISABEL (*sem levantar a voz mas em tom firme*) — Com leite ou com limão, Raimundo?

RAIMUNDO (*voltando a sentar-se, ofegante e desalentado*) — Chá simples... Uma chávena pequena...

(*Isabel bate num tan-tan. Quase imediatamente surge Eteelvina, a criada de fora, irrepreensivelmente fardada, se possível bonita, ou, pelo menos, fresca e bastante jovem.*)

ISABEL (*a Eteelvina*) — Eteelvina, sirva o chá.

ETELVINA (*tom respeitoso*) — Sim, minha senhora. (*Ao sair faz um pequeno rodeio indo rectificar a posição de um bibelot, trabalho aliás inútil, já que o referido objecto fica mal em toda a parte. Nas rubricas, embora haja infelizmente outros objectos ornamentais do mesmo jaez, quando se mencionar «o bibelot» será sempre a este que se pretende fazer referência.*)

ISABEL (*impaciente, a Eteelvina*) — Onde é que você vai?

ETELVINA (*respeitosa*) — Vou buscar o chá, minha Senhora... (*Sai.*)

ISABEL (*a Raimundo*) — Está a ver? Ouviu a resposta?... «Vou buscar o chá!»... Esta criadagem!

RAIMUNDO (*tentando prosseguir na preparação do discurso*) — Nesta hora... esta hora... esta hora...

ISABEL (*irónica*) — Sabe, meu amigo: você devia tomar chá com leite. Fazia-lhe bem à voz...

(*Raimundo levanta os olhos do trabalho e vai a responder. Neste momento, porém, entra Eteelvina com um chá muito bem servido: sandwiches variadas, bolos, bolinhos, bolecos.*)

ISABEL — Eteelvina, tire aí de cima essa papelada do senhor Doutor e ponha a mesa.

ETELVINA (*executando, mau grado os protestos de Raimundo*) — Sim, minha Senhora.

(Uma vez a mesa posta, *Etelvina* espera ordens, de bule na mão, um pouco inclinada para a frente. *Raimundo*, espreita-lhe, com manifesta satisfação, para o decote, alheando-se, por momentos, das suas preocupações oratórias.)

ISABEL (após uma cuidadosa inspecção da mesa) — Pode servir o chá...

(*Etelvina* vai a servir o chá mas a campainha da porta toca e ela suspende-se.)

RAIMUNDO (excitadíssimo, estendendo a chávena a *Etelvina*) — Sirva... sirva o chá...

ISABEL (dando contra-ordem) — Vá à porta, *Etelvina*. (*Etelvina* obedece.)

RAIMUNDO (vendo, com desgosto, *Etelvina* sair) — E o chá?... Então ela já não serve o chá?

ISABEL (pegando no bule) — A rapariga foi à porta, mas estou aqui eu para o servir. (Vendo que *Raimundo* retira a chávena.) O que foi, meu amigo?... (Suavemente sarcástica.) O seu repentino amor pelo chá... arrefeceu?

RAIMUNDO (levantando-se, agitado) — Deixe-me!... Preciso de calma, concentração, silêncio... (Olhando o relógio de parede.) Esta porcaria tem de estar pronta antes das oito...

ISABEL — Sente-se! (*Raimundo* obedece automaticamente.) O seu mal é não ter método, *Raimundo*... Você passa a vida a misturar as coisas... Há uma hora prò chá e uma hora prò trabalho... Uma hora pra espreitar para o decote das criadas...

RAIMUNDO (protestando) — Isabel!... (Torcendo as mãos, tom conciliante.) Bem sabe como este discurso é fundamental. Conhece as circunstâncias, minha amiga... conhece-as tão bem como eu...

ISABEL (muito calma, com desprezo) — Deixe-se de fitas...

RAIMUNDO (tom solene mas acabando por se embrulhar nas próprias explicações) — Perante o rápido evoluir dos acontecimentos, há que rectificar a posição de tiro... Os valores mudaram!... Mudemos nós também de valores... Com dignidade... quer dizer: depressa... (Pausa.) Se ainda for a tempo... (Reúne apressadamente os papéis, preparando-se para recomençar o trabalho. Entretanto *Isabel*, desinteressada de *Raimundo*, aproximou-se da porta, parecendo escutar. Começa a ouvir-se, lá dentro, em crescendo, um murmúrio de conversa.)

ISABEL (tom preocupado) — *Raimundo*!

RAIMUNDO (sem levantar a cabeça) — Hum?

ISABEL — Sinto passos... (*Raimundo* não responde.) Oíço vozes...